

**RELATO DE EXPERIÊNCIA – RODA ENTRELAÇOS: GRUPO DE
COMPARTILHAMENTO PARA FORTALECIMENTO DE MULHERES NO
ENFRENTAMENTO ÀS VIOLÊNCIAS**

Eixo temático: ET 10 - Diálogos sobre a Violência contra as Mulheres: Educação, Políticas Públicas, Proteção e Enfrentamento

Carolina Cunha Seidel¹

Lídia Mariane Kácsér²

RESUMO

O relato de experiência apresentado diz respeito ao projeto de extensão intitulado “Entre-laços: Roda de compartilhamento entre mulheres” (CDGEN/SAAD/UFSC). No projeto temos a criação de um espaço de escuta coletiva, acolhimento e reflexão, onde a palavra é circulante e os temas surgem através da fala das participantes. Assuntos como feminismos e suas interseccionalidades, violências, maternidade, relações interpessoais, solidão, corpo e sexualidade, dentre outros, são colocados em pauta de forma acolhedora, reflexiva, crítica e criativa. Além disso, percebemos que o grupo fornece elementos fortalecedores e é em si uma potência na construção conjunta de mecanismos de enfrentamento à violência contra a mulher e de mudanças do sistema vigente.

Palavras-chave: mulheres, violências, grupos.

Introdução

O relato de experiência apresentado diz respeito ao projeto “Entre-laços: Roda de compartilhamento entre mulheres”. Este é um projeto de extensão, realizado pela Coordenadoria de Diversidade Sexual e Enfrentamento de Violência de Gênero (CDGEN), setor vinculado à Secretaria de Ações Afirmativas e Diversidades (SAAD) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). A CDGEN - SAAD está localizada na Reitoria da Universidade e tem entre seus objetivos mudar as situações de preconceito, discriminação e violência(s) de gênero no âmbito da UFSC, minimizando seu impacto no cotidiano da

¹ Doutora em Educação pela Universidade Estadual Paulista (UNESP/FCLAr), pedagoga na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), onde atua na Coordenadoria de Diversidade Sexual e Enfrentamento de Violência de Gênero (CDGEN - SAAD). E-mail: carolina.seidel@ufsc.br

² Graduanda do curso de Psicologia na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e estagiária na Coordenadoria de Diversidade Sexual e Enfrentamento de Violência de Gênero (CDGEN - SAAD) da mesma Universidade. E-mail: lidiamkacser@gmail.com

comunidade universitária e contribuindo para um viver inclusivo e saudável. Atualmente, este setor participa do estabelecimento de políticas de enfrentamento às violências e discriminações de gênero e violências contra mulheres e público LGBTQ+ no âmbito da UFSC.

A CDGEN - SAAD realiza também atendimentos individuais e coletivos, em que busca estabelecer escuta acolhedora, encaminhamentos internos e externos, apoio e orientação para realização de denúncias, nas questões relacionadas às violências LGBTQ+fóbicas e contra a mulher nos espaços da universidade, sofrimentos diversos relacionado à vivência de violências relacionadas à orientação sexual e/ou contra a mulher na comunidade universitária, entre outras atividades relacionadas.

Dentre as ações desenvolvidas, evidenciamos a realização de atividades permanentes de extensão, atuando com grupos específicos da comunidade universitária e externa, nos eixos de compartilhamento, acolhimento e reflexão. Atualmente, o projeto “Entre-laços: Roda de compartilhamento entre mulheres” se configura como uma das ações mais importantes no que diz respeito ao trabalho realizado com mulheres. Ele ocorre desde julho de 2020, poucos meses após o início da pandemia de COVID-19, com o objetivo de ser esse espaço de prevenção, proteção e enfrentamento à violência contra a mulher, nas suas diferentes facetas. Inicialmente ela esteve focada no ambiente universitário, porém se encontra, desde abril de 2022, aberta a mulheres da comunidade externa à UFSC.

Constatamos que na realidade atual em que vivemos, projetos como esse são de extremo valor, uma vez que o país se encontra em um cenário desastroso, principalmente para as mulheres. O número de mortos por COVID-19 passou de 678 mil (Painel Coronavírus, 2022) no momento em que escrevemos esse relato, as taxas de suicídio cresceram (Schuck et. al, 2020), o desemprego e a precarização do trabalho aumentaram vertiginosamente (Costa, 2020) e a violência contra a mulher, que se configura como um fenômeno sociohistórico no Brasil, atingiu um índice alarmante (Barbosa et. al, 2021). Logo, nos encontramos em um contexto de crises sanitária, política, social e econômica - um contexto violento e adoecedor especialmente para determinados corpos, isto é, os que não são de homens brancos cis heteronormativos.

Metodologia

A equipe de mediação da Roda possui uma metodologia na qual preza por um trabalho interdisciplinar, acolhedor e reflexivo, posicionado ético-politicamente. Assim, o grupo se desenrola de forma espontânea e criativa ainda que embasada teoricamente, uma vez que as temáticas de cada encontro surgem a partir do que as próprias participantes demonstram como mais relevante em suas falas. Ele é aberto, havendo um formulário de inscrição divulgado por



VIII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Seminário Internacional
Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Luso-Brasileiro Educação
em Sexualidade, Gênero,
Saúde e Sustentabilidade

redes sociais com fluxo contínuo, e desde o seu surgimento dezenas de mulheres já participaram. O grupo no WhatsApp também é um espaço utilizado para que essas trocas aconteçam para além do momento do encontro estipulado, uma vez que ele possui somente uma hora e meia de duração por semana.

Os assuntos abordados perpassam questões relacionadas às múltiplas formas de violência e preconceito (em especial o machismo) nos diferentes âmbitos, a importância do estar em grupo (potência da coletividade), interseccionalidades, autocuidado, corpo e sexualidade, maternidade, família, relações, etc. Em meio a tudo isso a arte é estimulada, seja por recomendações, por produções próprias (poesia, desenho, música) ou reconhecimento de outras mulheres artistas. Isso pois percebemos o potencial da arte de causar um estranhamento, de tornar exótico o familiar, permitindo novas elaborações (Vigotski, 1998).

Em meio às discussões dos encontros, torna-se evidente como as vidas dessas mulheres se encontram inevitavelmente perpassadas pelo sistema capitalista patriarcal, cisheteronormativo, racista, classista, etarista e capacitista, gerador de intensos sofrimentos. Nesse sentido, a Roda visa sempre a uma postura de acolhimento, mas também de problematização desse sistema vigente, que oprime as mulheres e outros grupos sociais.

Ademais, a mediação também oferece a possibilidade de acolhimento individual para as mulheres, pois os assuntos debatidos acabam por trazer à tona sentimentos por vezes inesperados, e entende-se que o enfrentamento à violência requer diferentes abordagens, além de um entendimento das políticas públicas e da rede, bem como de aprendizado e reinvenções constantes. Contudo, para além disso, deve-se compreender a respeito de como as diferentes interseccionalidades atravessam essas mulheres.

Esse termo, cunhado por Crenshaw (1989), se configura como valioso para explicitar como as categorias sociais se relacionam, notadamente as de gênero, raça e classe. Essas categorias estão fundamentalmente presentes na realidade brasileira, a qual foi construída através de um processo colonizatório que cria um entrelaçamento de opressões históricas. Portanto, em qualquer trabalho com violências devemos ter um olhar aprofundado e atento às diferentes interseccionalidades, pois “o gênero se relaciona com outras categorias, como raça/etnia, idade e classe social, que se entrecruzam na constituição da identidade” (Magnabosco & Souza, 2018, p. 03). E, com o trabalho que realizamos na Roda Entrelaços, constatamos a necessidade de compreender as violências em suas múltiplas formas a fim de entendermos as identidades em suas multiplicidades também. É dessa forma que ações de prevenção, proteção e enfrentamento à violência de gênero - no caso da Roda, especialmente a violência contra a mulher - serão capazes de surtir efeitos.

Referencial Teórico

Conforme comentado anteriormente, o enfrentamento às violências perpassa a necessidade da sua compreensão, levando em consideração seus diversos atravessamentos e, no caso da violência contra a mulher, a qual é nosso foco neste projeto, isso não é diferente. Inclusive, seguimos uma perspectiva que considera a própria imposição de sexo e gênero como uma forma de violência, ainda que naturalizada e invisibilizada.

Segundo teorias pós-estruturalistas, em especial a da filósofa queer Judith Butler (2021), sexo se configura como uma categoria construída social e culturalmente, e gênero, uma que é construída pela performatividade. Assim, através de reflexões conjuntas (mediação e participantes do grupo) e materiais disparadores de discussão, busca-se questionar os binarismos - em enfoque aqui gênero “homem” e “mulher” - e o que é socialmente esperado da pessoa considerada “mulher” nessa lógica capitalista ocidental.

Na Roda Entre-laços o compartilhamento de artes, a recomendação de materiais, os relatos pessoais, a escuta ativa e coletiva, a postura da mediação, tudo é instrumento também de enfrentamento à violência contra a mulher. Isso pois, ao se questionar de diferentes formas o que é ser mulher, que mulher é essa e qual espaço ela ocupa - lembrando aqui das interseccionalidades - cria-se e fomenta-se modos de resistência e subversão. Dessa maneira, constatamos que o fato de estar em um grupo com outras mulheres, um grupo que visa a problematizar papéis de gênero impostos, é um ato de resistir e subverter a lógica patriarcal, conservadora e individualista.

O falar de si e sentir-se acolhida (como é comentado com frequência pelas participantes) fortalece o sujeito, gera mudanças em sua percepção e, por conseguinte, nas suas ações, levando os efeitos do grupo para além dele. Um exemplo seria uma mulher com orientação sexual dissidente, ou outra que não performa o ideal de feminilidade, e relatam na Roda sobre violências que já sofreram e teceram reflexões. Ofertar um espaço de escuta, de possibilidade de questionamentos em conjunto e, por conseguinte, de fortalecimento dessas mulheres, está permeado pela compreensão também de que as sexualidades são organizadas hierarquicamente no sistema de heterossexualidade compulsória em que vivemos (Rubin, 2017). E o enfrentamento a essa violência é uma prática diária, múltipla e fundamentalmente coletiva.

Neste objetivo de enfrentamento à violência contra a mulher, percebe-se o valor de um trabalho interdisciplinar na mediação da Roda Entre-laços. A interdisciplinaridade pode ser definida como “a incorporação dos resultados de várias disciplinas, tomando-lhes de empréstimo esquemas conceituais de análise para integrá-los [...]” (Japiassu, 1976, apud Ramos-Cerqueira,

1994, p. 37), ou seja, é a colaboração entre diferentes saberes. E na nossa sociedade ocidental, carregada de um positivismo eurocêntrico que cria binarismos e segrega conhecimentos, o esforço para o diálogo e co-construção de saberes diversos faz-se essencial.

Desse modo, na Roda cada participante é compreendida como integral, única e biopsicossocialmente constituída, detentora de um conhecimento seu e em um trabalho de troca e co-construção junto às mediadoras. Isso pois, conforme retoma Martin-Baró acerca dos ensinamentos de Sílvia Lane, a psicologia social deve se atentar à potência da vida cotidiana dos indivíduos (Martins, 2003). Além disso, a educação e o aprendizado sempre são conjuntos, dialógicos e emancipatórios, uma vez que, de acordo com Paulo Freire (2013), o ato de aprendizado pode ser um ato de transformação política.

Se a violência contra a mulher é complexa e multifacetada, as trocas teóricas e práticas entre as duas disciplinas (pedagogia e psicologia) presentes da mediação também devem ser. Se nesse sistema cisheteronormativo e pandêmico a solidão da mulher (tema que surge com frequência no grupo) se mostra tão intensa, é na aposta no trabalho interdisciplinar da mediação, no esforço na construção de vínculos, que grupos como a Roda Entre-laços se mantêm. Conforme defende Spivak, deve-se criar mecanismos para que o subalterno se articule e seja ouvido (Cruz, 2010). Portanto, percebemos como os grupos e coletivos, os espaços para compartilhamento, acolhimento e reflexão são fundamentais para articular o fortalecimento de mulheres no enfrentamento às violências a fim de que elas de fato sejam ouvidas. Pois é dessa forma que resistimos e criamos possibilidades de subversões e mudanças na realidade em que vivemos.

Considerações finais

O grupo “Entre-laços: Roda de compartilhamento entre mulheres” segue se encontrando periodicamente desde 2020, ainda que tenha passado por reformulações. Algumas mulheres já se encontraram presencialmente, outras seguem morando em outras cidades. Algumas temáticas variam, outras sempre retornam, e as discussões permeiam assuntos como assédio, maternidade, corpo, sexualidade, preconceitos, autoestima, cuidado de si, solidão, família, ser mulher na área de exatas, ser dona de casa, dentre inúmeras outras.

O ser mulher. O ser mulher no Brasil, nesse contexto avassalador de desmantelamento das políticas públicas, desvalorização da educação, de uma onda de conservadorismo e não apenas de descaso quanto à proteção às mulheres, mas de uma verdadeira eliminação delas, conforme comentamos anteriormente. E lembrando mais uma vez das interseccionalidades: é visível como isso ocorre em especial com as negras, indígenas, periféricas, trans e travestis, as que não performam feminilidade, as com deficiência, as dissidentes, etc.

A arte permite elaborações (várias até se descobrirem artistas!) e a interdisciplinaridade na mediação entre as áreas pedagogia-psicologia viabilizam um olhar integral e uma escuta qualificada. Mas é também como o coletivo constitui a si mesmo e se fortalece, que a potência de enfrentamento à violência contra a mulher torna-se concreta. E concluímos que isso ocorre em cada encontro da Roda Entre-laços de formas diversas, e os seus efeitos se expandem para além dos encontros periódicos de uma hora e meia.

Um exemplo bastante ilustrativo disso, é o fato de uma das participantes ter criado um outro grupo de mulheres, na cidade onde mora. Muitos meses antes de fazer isso, ela disse em determinado momento: “O grupo não termina aqui, é o começo de algo bonito”- assim, ela acabou colocando suas palavras em prática e mais mulheres estão sendo alcançadas. Assim, trabalhamos para que a Roda Entre-laços seja uma possibilidade de expansão, o começo de muitas outras ações de enfrentamento à violência contra a mulher, em variados modos e âmbitos.

Referências

- BARBOSA, J., et all (2021). Interseccionalidade e violência contra as mulheres em tempos de pandemia de covid-19: diálogos e possibilidades. **Saúde e sociedade**, 30(2), 1-13.
- BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.
- COSTA, S. S. Pandemia e Desemprego no Brasil. **Revista de Administração Pública**, v. 54, n. 4, p. 969-978, 2020.
- CRENSHAW, K. Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, **Feminist Theory and Antiracist Politics**. University of Chicago Legal Forum: Iss. 1, Article 8, 1989.
- CRUZ, E. Os sentidos do poder/saber dizer. Resenha de Spivak, G. **Pode o subalterno falar?** 1. ed. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.
- FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Editora Paz & Terra, 2013.
- MAGNABOSCO, M. & SOUZA, L. Aproximações possíveis entre os estudos da deficiência e as teorias feministas e de gênero. **Revista Estudos Feministas**, 27(2), 1-11, 2018.
- Martins, S. Processo grupal e a questão do poder em Martín-Baró. **Psicologia & Sociedade**; 15 (1), 201-217, 2003.
- Painel Coronavírus. **Coronavírus Brasil**. Recuperado de: <https://covid.saude.gov.br/> Acesso em 30 de julho de 2022.



IV Seminário Internacional
Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Luso-Brasileiro Educação
em Sexualidade, Gênero,
Saúde e Sustentabilidade

RAMOS-CERQUEIRA, A. T. de A. Interdisciplinaridade e psicologia na área da saúde. **Temas em Psicologia**, (3), 37-41, 1994.

RUBIN, Gayle. Pensando o sexo: notas para uma teoria radical da política da sexualidade. In: G. Rubin, **Políticas do sexo**. São Paulo: Ubu Editora, 2017.

SCHUCK, F., WEBER, G., SCHAEFER, C., REINHEIMER, M. & ROCKENBACH, D. A influência da pandemia de COVID-19 no risco de suicídio. **Brazilian Journal of health Review**, 3(5), 2020.

VIGOTSKI, L. **Psicologia da Arte**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.